

a bonus shadow falls  
short story



# Turned at Dark

c. c. hunter



# Turned at Dark

**Shadow Falls 0.5**

**C.C. Hunter**



**D**ella Tsang, de dezesseis anos de idade, nunca tinha visto um fantasma, até que ela viu seu primo morto deslizar do outro lado da rua e entrar no beco. Se não fosse pela iluminação da rua acima de sua cabeça, ela poderia não o ter visto. E, se não fosse por uma cicatriz que corria ao longo do queixo dele, ela poderia ter pensado que era apenas alguém que se parecia com Chan. Então, novamente, já passava da meia-noite. Mas ela *tinha* visto a cicatriz. Uma cicatriz que ela meio que tinha lhe dado quando eles tinham seis anos e estavam saltando no trampolim e ele colidiu contra a cabeça dela.

Della “Cabeça-Dura” tinha sido seu apelido de família depois disso. Às vezes, Della se perguntava se tinha realmente sido obstinada naquela época, ou se o nome tinha acabado por ser mais outra coisa que ela tinha que ser. Sendo de origem asiática, havia grandes expectativas — às vezes, muito altas. Mas porque ela e sua irmã eram meio-brancas, seu pai insistia que deviam se esforçar o dobro para provar que o amor de seus pais não havia contaminado a árvore genealógica.

Um par de faróis se movendo para baixo na estrada chamou a atenção de Della para longe do beco onde Chan tinha desaparecido. Não que ela acreditasse que era realmente Chan. Sério? O carro se



aproximou e, pensando que era Lee para buscá-la, Della saiu da varanda de sua melhor amiga Lisa, deixando o som da festa atrás dela.

Pelo menos duas vezes por mês, Della e Lee tentavam se esgueirar para que pudessem estar juntos por uma noite inteira. Ela sabia que seus pais ficariam loucos se soubessem que ela e Lee estavam dormindo juntos. Nem sequer importava que eles estivessem praticamente noivos. Mas pelo menos Lee tinha conseguido um selo de aprovação de seu pai.

Felizmente, ela concordava com ele também. Não que ela concordasse com o pai em tudo. No entanto, Lee era tudo o que Della queria em um namorado — quente, popular, inteligente e, felizmente, para a sanidade de seu pai, asiático. Nem sequer a incomodava que Lee não estivesse totalmente dentro de toda a coisa da festa.

Ela deu ao beco uma última olhada. Não poderia ter sido Chan. Ela participou de seu funeral menos de um ano atrás, tinha visto seu caixão ser baixado no chão. Ela lembrava que não tinha chorado. Seu pai tinha insistido que ela não o fizesse. Ela se perguntou se seu pai ficaria decepcionado se soubesse que naquela mesma noite, enquanto estava sozinha na cama, ela tinha chorado por horas.



Quando o carro passou mais perto, Della percebeu que estava errada. Não era Lee. Ela viu o carro descer a rua, passando pelo beco. Ela ficou ali, olhando, de repente se sentindo sozinha no escuro, quando seu telefone apitou com uma mensagem de texto. Puxando-o, leu a mensagem.

*Os meus pais ainda estão acordados. Chegarei atrasado.*

Franzindo a testa, ela guardou o telefone e seu olhar deslizou de volta para o beco. O quanto machucaria apenas... Ir verificar? Só para provar que fantasmas não existem... Movendo-se lentamente nas sombras, ela se aproximou do beco. O frio da noite de Janeiro escoou através de sua jaqueta de couro e o suave *toc toc* de seus passos parecia alto.

Talvez muito alto. Tão logo ela virou a esquina, ouviu gritos. Ela parou. Sua respiração ficou presa pela visão da luta — ou intensa guerra — ocorrendo. O som de um punho batendo contra carne encheu a escuridão fria e ela viu corpos sendo atirados no ar, como bonecas de pano.

Della podia não estar familiarizada com este lado mais sombrio da vida, mas ela imediatamente soube no que tinha tropeçado. A guerra de gangues. Seu coração saltou em sua garganta. Ela tinha que



sair daqui e rápido. Ela recuou, mas o salto do seu sapato torceu e ela tropeçou. Sua perna subiu no ar e ela caiu com um baque forte.

Caindo de bunda, as suas mãos pousaram nas laterais para suportá-la. Ela sentiu uma dor aguda na palma da mão, sem dúvida, de um pedaço de vidro de uma garrafa de cerveja quebrada a poucos centímetros de distância. Estremecendo, ela murmurou:

— Merd... — o xingamento de uma palavra ainda não tinha deixado seus lábios quando o silêncio de morte de repente chamou a atenção dela para cima. Os combates haviam parado e pelo menos seis rapazes — jovens, da sua idade — começaram se mover em direção a ela.

Se movendo estranhamente, como se... Sua postura a fez lembrar-se de um bando de animais vindo para verificar a sua presa. O foco de Della se desviou dos estranhos movimentos corporais do grupo, para os olhos deles. Seu coração sacudiu quando viu seus olhos brilhando com um laranja vivo. Então ruídos de rosnar baixo encheram as sombras.

— O que... — antes que ela pudesse terminar sua frase, eles estavam em cima dela.

— Humanos. Hum! — um deles disse.



Tensão encheu o seu peito.

— Eu vou embora — ela saltou para seus pés.

De repente, ela ouviu passos atrás dela e sabia que eles a tinham cercado. O rosnar se intensificou e por um segundo, ela poderia jurar que os sons não eram humanos. Ela se virou, na esperança de encontrar um caminho para fugir, mas instantaneamente algo a agarrou pela cintura e um vento frio explodiu contra seu rosto.

Ela sentiu-se tonta, desorientada, como se de repente estivesse viajando a alta velocidade como em uma montanha russa. Ela tentou gritar, mas nenhum som saiu. Trevas a cercavam e demorou um segundo para perceber que ela tinha os olhos fechados. Ela tentou abri-los, mas a corrente de ar que vinha contra ela era tão forte que os fechou novamente.

*O que diabos estava acontecendo?* — agora ela se sentia como se... como se estivesse voando. Ou caindo. Não, não caindo... Alguém, ou alguma coisa, a tinha nas mãos.

Seus pulmões gritaram por ar, mas o que ela achava que era um braço estava apertado em volta de seu estômago, cortando sua capacidade de respirar. Ela tentou libertar-se, mas seus esforços foram inúteis. Quem a estava agarrando era construído de aço e sua carne



era fria, dura. Algo molhado parecia escorrer da mão dela e ela percebeu que era seu sangue a partir de onde ela se cortara.

Logo em seguida, o corte começou a queimar. Queimar horrivelmente, como se alguém lhe tivesse deitado álcool. A dor lancinante parecia subir o braço percorrendo todo o caminho até ao peito, e por um segundo, seu coração não bateu. Ela engasgou, na esperança de respirar, mas nada parecia chegar até os seus pulmões. Recusando-se a deixar que o medo a impedisse, forçou as palavras:

— Deixe-me ir, seu idiota!

Um choque percorreu seu corpo quando os seus pés bateram no chão. O braço a libertou. Seus joelhos dobraram, mas ela se equilibrou no último segundo e abriu os olhos. Piscando, tentou se concentrar, mas tudo parecia borrado.

— Respire — alguém disse e ela reconheceu a voz profunda e masculina.

Reconheceu Chan.

*Fantasmas existiam?*

Não, eles não podiam. Uns segundos mais tarde, sua visão limpou e santa mãe das pérolas, ela estava certa. Chan estava em





frente a ela. Náuseas a atingiram. A palma da mão ainda ardia. Ela agarrou o estômago, inclinou-se e vomitou sobre seu primo morto.

— Oh, merda! — ele pulou para trás.

Ela ficou em pé novamente e olhou, pensando que a qualquer minuto acordaria. Ou talvez não fosse um sonho. Será que alguém tinha deitado algo em sua bebida esta noite? Ela apertou as palmas das mãos nos olhos e não se importou que provavelmente estivesse manchando o sangue do corte em sua mão por todo o rosto. Quando ela deixou cair as mãos, olhou Chan, só que agora seus olhos negros brilhavam de uma cor verde brilhante.

Ele saltou para trás novamente.

— Você está sangrando!

— Você está morto — ela apertou sua mão sangrenta sobre sua barriga esperando silenciar as náuseas e diminuir a sensação doentia.

Ele ergueu as sobrancelhas pretas juntas e olhou mais atentamente.

— Maldito inferno! Você está se transformando.



— Não, não estou! Eu estou parada, em um só lugar<sup>1</sup> — ela retrucou. — Então, novamente, eu me sinto tonta — fechou os olhos e depois os abriu novamente.

— Você precisava de ajuda então eu... Eu não sabia que você tinha se cortado, ou...

— Eu não precisava de sua ajuda, eu teria... Pensado em alguma coisa.

Ele balançou a cabeça.

— Ainda cabeça dura, hein?

Ela abraçou a si mesma.

— O que aconteceu? Não, o que está acontecendo? — ela olhou ao redor e viu que eles não estavam mais em qualquer lugar perto da casa de Lisa ou no beco escuro onde ela tinha ido procurar. — Você está morto, Chan. Como você pode estar aqui?

Ele balançou a cabeça e olhou para a testa dela.

— Se eu soubesse que você estava sangrando, eu não teria... Eu deveria saber que você era uma portadora. Mas se eu não tivesse tirado você de lá, os cães teriam te comido viva.

---

<sup>1</sup> No original é 'You're turning', que tem o significado literal de você está virando, mas que no contexto é se transformando, mas ela não entende.



## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

